

**A POÉTICA URBANA: FOTOGRAFIAS COMO METODOLOGIA DE
APROXIMAÇÃO PAISAGÍSTICA EM NATAL-RN**

Emilly Domingos da Silva 1
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Emillydoomingos@gmail.com

Deyvid Alcimar Soares2
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Deyvid.alcimar.057@ufrn.edu.br

Resumo: A cidade é um corpo plural e em constante afetação, essa carrega marcas prosaicas e poéticas, que são evidenciadas através da cotidianidade urbana, que é vivida e percebida pelos sujeitos. Dessa forma, tem-se como objetivo evidenciar a poética urbana da cidade de Natal através de fotografias, que tomam um recorte da paisagem e contam-nos sua geo-história. Desse modo, foi traçado um caminho metodológico, tomando a experiência do caminhante do flâneur e sua perspectiva de observação da paisagem, onde foram capturadas imagens que desvelam um olhar singular perante ao espaço vivido e percebido.

Palavras Chaves: Paisagem; Fotografia e Poesia urbana.

Abstract: The city is a plural body and in constant affectation, it carries prosaic and poetic marks, which are evidenced through the urban everyday life, which is experienced and perceived by the subjects. In this way, the objective is to highlight the urban poetics of the city of Natal through photographs, which take a cut of the landscape and tell us its geo-history. In this way, a methodological path was traced, taking the experience of the flâneur walker and his perspective of observing the landscape, where images were captured that reveal a unique look at the lived and perceived space.

Keywords: Landscape; Photography and Urban Poetry.

1. INTRODUÇÃO

No hodierno as urbes são múltiplas, é simultaneamente lugar de encontro e des-encontro, acolhimento e afastamento, lar e trabalho, conglomerado de escritórios, lojas, equipamentos, pessoas e sentimentos. A cidade é um quadro, em constante atualização, que expressa o acúmulo de tempos, matérias, técnicas, formas, fluxos e fixos pautada em uma complexa trama, que expressa a implosão do tempo linear, logo a cidade passa a ser uma composição simbiótica do ontem e do hoje em constante ebulição. O uso urbano passa a transfigurar à cidade em um palco escrito e reescrito continuamente um quadro que representa o passado e o presente, tudo passa a se incorporar nas mensagens escritas na tessitura cidadina. Ferrara (1988, p. 40) afirma que a “cidade é mensagem à procura de significado que se atualiza em uso”.

Carlos (1997) chama atenção sobre a análise citadina efetuada por sua aparência, tendo como ponto de partida a fomentação de uma imagem que as pessoas constroem. A cidade não pode ser simplesmente lida como um aglomerado de pontos, linhas, áreas, cores e formas. Buscamos assim descortinar uma “outra cidade”, pautada na poética da vida, que laça o prosaico e o poético em sua densa trama. Segundo Bachelard (1974, p. 183) “A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um assado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar”.

A poética urbana da cidade carrega consigo a expressão do ser, pois o poeta declama sobre o seu âmago essencial. O processo de produção de estética da imagem é artístico, seduz e tem um fio de significação essencialista único que interliga-se a subjetividade dos ser e sua cotidianidade. Nesse sentido a transsubjetividade das imagens não são compreendidas tendo como referência objetiva o espaço, essa transcende é essencialmente arte, vida, memória é invenção, um modo de sentir e experienciar o mundo. Transcorrendo as variações subjetivas pautadas no âmago essencialista do sujeito que interpreta e transmite uma mensagem sobre a imagem, essa não é monótona, é múltipla e fugaz. A imagem poética convenientemente inventa e oculta aspectos que são matizados nas múltiplas versões de interpretação do observador.

A imagem poética do espaço se engendra pelo mundo da percepção permeado pelas suas entrelinhas a potência dos saberes, lugares comuns e ordinários que são transformados em extraordinários pela força da vida cotidiana que pretende ir longe e perto, efervescente e profunda. Ultrapassa as razões do método científico, trazendo à superfície a reverberação da sensibilidade da alma que esconde-se no ser humano, é uma obra de arte! adentramos assim, em um viés complexo da poesia espacial “aquele que conhece, isto é, que transcende e que dá nome ao que conhece. Enfim, não há poesia, se não há absoluta criação” (Bachelard, 1974, p. 193). Assim, questionamo-nos como a fotografia corrobora com o desvelamento da poética urbana, da Cidade de Natal? Tendo como objetivo evidenciar a poética urbana da cidade de Natal através de fotografias, que tomam um recorte da paisagem e contam-nos sua geo-história.

Visando alçar o objetivo delimitado, foi utilizado como metodologia a observação espacial do flâneur, passando pela coleção de paisagens através do registro fotográfico, como forma de alinhamento do perceptível e classificável. Ou seja, a fotografia é uma expressão de arte, que possibilita a informações, onde a lente da câmera passa a definir o olhar e suas múltiplas leituras e interpretações. Um baluarte, onde o caminhar, vai de encontro a uma paisagem efêmera que é vivenciada e experienciada pelo Flâneur, que captura e enquadra um recorte do espaço-tempo, por meio de um registro fotográfico. Inicialmente essa introdução busca sintetizar o tema elencado na pesquisa. Seguida pela metodologia, que traz o caminho traçado para elaboração dos produtos. E por fim, vamos desmembrar a poesia urbana na cidade de Natal-RN, tendo como objeto de análise fotografias.

2. A POESIA URBANA: UM OLHAR PLURALISTA SOBRE A CIDADE DE NATAL-RN

A cidade passa a impor sua dinâmica única no ir e vir do cotidiano, uma trama espacial é tecida onde edifícios, casas, pessoas, automóveis, cores, sons e cheiro ganham uma significação única. As ruas transformam-se em uma exposição da poesia fabricada no cotidiano, unindo o prosaico e o poético, as práticas espaciais incorporam-se ao lugar, adicionando simbolismo, conteúdo e significado a partir da perspectiva do caminhante que transforma suas trajetórias em uma relação sócio-espacial do corpo e mente, onde a memória é agente atenuante da criação de narrativas e visibilidades, que passam a decodificar o espaço e suas paisagens ecumênicas.

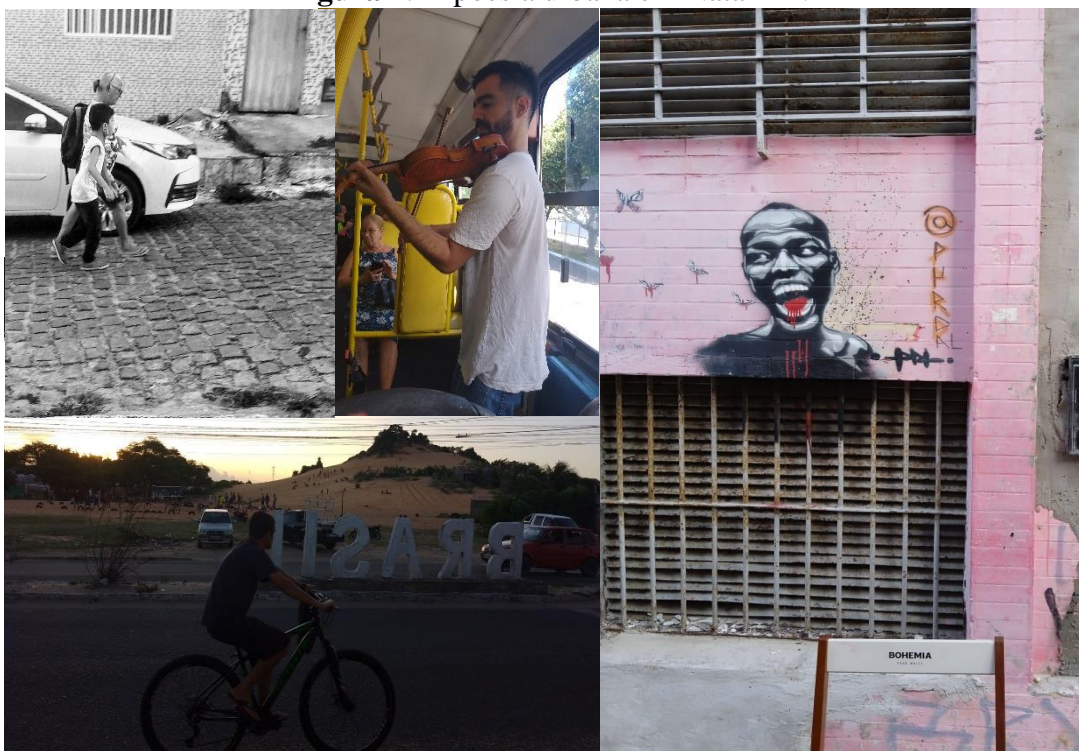
Observando essa fluidez das ruas, o encontramos com o *flâneur*, segundo Gomes (2013), as primeiras expressões que falavam sobre essa figura datam o início do século XIX. O *flâneur* é um observador que vaga, perambular, vagabundear pelas ruas da cidade a observar o seu entorno, esse efetua uma caminhada agradável de contemplação. Assim, a figura do *flâneur* é “um pintor do circunstancial e de tudo que surge de eterno, esse é um cronista da banalidade do cotidiano” (Peixoto, 1996, p. 232). Pois esse consegue enxergar as ruas em seu mais amplo movimento de fixação da efemeridade do ser, que se amplia e contrai animando a vida dos

sujeitos que circundam suas feições. Assim essa figura encontra lugar no campo de deslumbramento e admiração do espaço geográfico, que ocorrem entre os contínuos e fragmentos desses recortes que sobressai a poética do lugar.

Nesse quadro as ruas são o cenário desse personagem, que caminha a observar de modo discreto e passa a fazer parte desse quadro vivo, que é descrito de modo pulsante ao expressar o cotidiano, que emerge o *flâneur* em diferentes regimes de visibilidades, eventos e coisas que animam o espaço, logo utilizaremos das fotografias para captura de tais perspectivas cidadinas.

Em síntese, a paisagem é movimento atravessado pela arte do viver, que passa do mundo sensível, experiencial ao objetivo. A paisagem me toca e eu a toco, não como mero expectador, mas como componente estético e vivido do seu devir existencial que se apropria e tenta descobrir uma ordem, uma tomada de consciência sobre o exterior e o interior. Assim, não observo a paisagem de fora, ela está tatuada em minha epiderme, através das lembranças, esquecimentos, emoções e sensibilidades. Me declaro poeta da circunstancialidade paisagística do cotidiano, pois no contato ela me atravessa e afeta, ao retornar me vejo guiado pelo desejo de guardar essas finas camadas permemorizadas do existir, tal processo pode ser observado na composição da figura 1.

Figura 1: A poesia urbana em Natal-RN



Fonte: Silva, Emily (2023)

3. Conclusão

Buscamos através da fotografia desvela a poesia da cidade labiríntica, que passa a contar-nos uma geo-história, onde podemos entrar e traçar linhas e pontos com o toque de nossas mãos e os passos de nossos pés. Que simbolicamente passam a reescrever narrativas, contando sobre uma temporalidade, os anseios dos que percorreram esses caminhos posteriormente, o suor que escorre devido ao esforço para subir um aclive íngreme, a escuta e leitura de sinais do espaço que contam sobre o passado e o presente, as bifurcações que levam a lugares sem saída, os raios do sol que cortam as paredes do labirinto e guia-nos em direção a um ponto-cardeal e finalmente a porta de saída. A poética urbana é plural e deixa marcar, essa é campo empírico da vida, que se substancia em arte, ganhando força através das subjetividades dos sujeitos que experienciam o seu inventar sobre o lugar, como um espelho que reflete e fragmenta a totalidade

4. Bibliografia

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril. Cultural, 1974.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 1997. P.98.

FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. **Ver a cidade: Cidade, imagem, leitura** / Lucrecia d'Aléssio Ferreira – São Paulo: Nobel, 1988, P.80.

SILVA, Emilly Domingos da. **Violência e medo do crime: tipologias territoriais no bairro de Cidade Nova, Natal - RN** / Emilly Domingos da Silva. - Natal, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/45848/1/Viol%
c3%aanciaeMedodo-Crime_Silva_2022.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/45848/1/Viol%c3%aanciaeMedodo-Crime_Silva_2022.pdf). Acesso em: 06. Set. 2023.

SLONIT, Rebecca. **A história do caminhar**/Rebecca Silnit; Tradução Maria do Carmo Zanini. – São Paulo: Marins Fontes – Selo Martins, 2016.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**/Nelson Brissac Peixito. – São Paulo: editora Senac São Paulo: Editora Mraca D'Água, 1996.